

A heroína de duas caras

DENISE LIMA

SÃO PAULO — “Alexandra Alpha” é uma mulher de dois rostos, duas vidas. Mas sua imagem é pura metáfora de um Portugal também dividido em fases distintas, antes e depois do Salazar. Estranha heroína, ela dá nome ao romance que o festejado escritor português José Cardoso Pires está lançando no Brasil, pela Companhia das Letras.

Amanhã ele fará conferência em São Paulo onde está desde sábado, e na quinta-feira dará uma noite de autógrafos no Rio de Janeiro (Shopping Timbre, no Shopping da Gávea). Nos dias 24 e 25 estará em Brasília, na Feira do Livro. Depois aproveita a viagem para conhecer Manaus e subir o Rio Amazonas, sozinha que vinha planejando realizar nas seis viagens que fez ao Brasil, desde 1962.

Em Portugal, “Alexandra Alpha” foi lançado em novembro do ano passado e está na segunda edição, com mais de 60 mil exemplares vendidos. Cardoso Pires, 63 anos e desde então ocupando lugar de destaque nas letras portuguesas, já tem, entretanto, outras obras traduzidas no Brasil pela Civilização Brasileira: “O Delfim” e “A balada da Praia dos Corvos”, este último um indiscutível sucesso com 130 mil exemplares vendidos e até adaptado para o cinema. Em dezembro, lança no Brasil um romance em seu país, “A República dos Corvos”.

Considerado na juventude um enfant-terrible da literatura, Cardoso Pires confessava orgulhoso disso mas diz, até como um lance de ironia, que o estilo daquela época permanece em suas obras — seja nos 14 romances ou nos dois dramas (“O Render dos Heróis” e “Corpo na Sala de Espelhos”) — editadas em Portugal.

O escritor é um bicho cheio de futilidade e de rapidez. Está permanentemente desatento, às vezes consigo próprio, e passa a repetir-se — definiu.

No caso de “Alexandra Alpha”, só vê diferença em relação às demais obras porque o romance é “fundamentalmente português”, mesmo, ou uma face dele”, mostrando uma quase cruel uma Lisboa degradada, uma explosão de alegria com o 25 de Abril e a queda do salazarismo. Nem a inteligência portuguesa foi poupada. Enfim, era preciso escrever que Lisboa era aquela, com os seus rostos...

...que remédio temos nós se não nos inventarmos? Do contrário, não cabemos em



Foto de Sílvio Correa

O escritor português José Cardoso Pires está no Brasil para o lançamento de seu novo romance ‘Alexandra Alpha’

nosso próprio país. É preciso criar a imagem que nos convém. E as imagens que fiz de Portugal são metafóricas. Há duas caras, a heroína é feita de duas mulheres. Confesso que o livro está cheio de aparente nonsense. Ponho-me em discussão, a mim e a meu país — revelou o escritor.

Ele acredita que o entendimento do livro entre os brasileiros pode até ser mais surpreendente, já que por aqui, em geral, a idéia que se faz de Portugal é quase folclórica.

Ainda jovem, Cardoso Pires integrou, ao lado de Augusto Abelaisa e Orlando Costa, um grupo que contestava a carga de populismo e demagogia do neo-realismo, aquela coisa de dogmatismo que, se era bem digerida por alguns, soava mal entre outros. O movimento durou pouco, quase todos aderiram ao surrealismo, entregando-se à paixão por poetas espanhóis como Garcia Lorca, ou franceses como Breton e Paul Eluard. Cardoso Pires permaneceu onde estava, fiel à cultura anglo-saxônica, mas buscando a verdadeira

identidade de seu povo e seu país. É em “Alexandra Alpha”, tantos anos depois, que ele revela essa preocupação mais diretamente, mesmo utilizando imagens.

— A metáfora tem terreno muito mais vasto, é mais rica, mais densa, dá liberdade muito maior que a imagem objetiva. Porque é difícil definir Portugal, uso a mulher de duas caras. Só os políticos é que definem facilmente o país, com índices de produto nacional bruto, por exemplo. Mas as pessoas e seus múltiplos rostos é que levam um indivíduo a escrever um romance. E este livro, com duas fases fortes, o antes e o depois do 25 de Abril, tem atitudes proeminentemente críticas, um pouco do ódio apaixonado, misto de frustração e esperança.

O salazarismo nem aparece explicitamente no romance. A política mereceu três ou quatro páginas (e são ao todo 448), “o resto são fenômenos humanos, comportamento, tendo por trás uma cultura, uma perversão, uma sociedade conservadora”. E tudo é mostrado tanto pela heroína como por outros estranhos personagens.

— Há um alto funcionário de uma multinacional de publicidade que vende imagens do país e as consciências que estão no jogo corrupto de um Portugal mítomano. Tem uma mulher que atravessa o romance todo com uma gravidez-fantasma e um poeta, Ruy Belo, que por todo o tempo põe em discussão a identidade portuguesa. Temos consciência exata do nosso perfil e de nossa identidade, cujo limite está sempre dentro de outra, a do cidadão dentro da do país e assim por diante. O livro é um mostruário de imagens do homem português, é um universo mitificado, que continua mesmo depois do 25 de Abril, embora com efeitos contrários.

A questão da identidade tem preocupado também novos autores e Cardoso Pires garante que há pelo menos três ou quatro com “vozes singulares e diferenciadas, utilizando técnicas estruturais características e criativas no romance”. Na poesia, ele enaltece Herberto Helder e Pedro Tamen e diz que já não cabe mais a idolatria a Fernando Pessoa. Desbança o vate e ataca: “Tanto Pessoa já enjoo...”